

# ORALITURA<sup>1</sup> NO AZUL DA MEMÓRIA

Elicura Chihuailaf Nahuelpán

1. O meu povo diz que somos filhos e filhas da Mãe Terra. Que, assim como a nossa Mãe vive sob a influência de Kvyen, a Lua, e de Antv, o Sol – que a privilegiam com as chamadas Estações do Ano –, cada um de nós também é habitado por todas elas, apesar de sempre uma predominar sobre a outra. Assim, quando uma pessoa é caracterizada por sua formalidade, diz-se que ela é regida pela Lua dos Surtos Frios, o Inverno; se for alegre, é regida pela Lua do Verdor, a Primavera; se for apaixonada, é regida pela Lua dos Frutos Abundantes, o Verão; se sua atitude frequente for de nostalgia, diz-se que ela é regida pela Lua dos Surtos Cinzentos, o Outono.
2. Chove, garoa, amarela o vento na memória da minha infância e da minha velhice. A dupla condição que nos rege em toda a nossa existência. Itrofill Mogen/ Biodiversidade: todos, sem exceção, a integridade sem fragmentação da vida está nos falando da sabedoria das nossas Anciãs e dos nossos Anciãos.

Lembra-se de que somos apenas uma pequena parte do universo, abraçados pela dualidade da sua energia, à qual nos abraçamos? Porque somos irmãos e irmãs das estrelas e do cisco do maior e do menor ser vivo ainda não nomeado que nos olha a todo instante desde o aparentemente invisível e que nos nomeia e nos pede para nomeá-lo para finalmente olhar-se e olhar-nos – frente a frente – a partir das flores no jardim que são os nossos pensamentos...

Mas existem também aqueles seres vivos que estavam e desapareceram, e aqueles que só assomam das suas estações para nos lembrar que a palavra *saudade* nos espreita escondida na ação predatória de uns poucos que acoitem a nossa Terra com a sua cobiça e o seu egoísmo.

3. Pewmaymi? Pewmatuymi? Sonhou? Pergunta-me a chuva. O que você sonhou? E procuro uma resposta nos dias em que começo a vislumbrar

as primeiras imagens da minha infância à beira da fogueira da *ruka*, a casa de família na nossa comunidade, em Kechurewe.

Em que momento, pergunto-me, fiquei consciente dos relatos dos meus avós, dos cantos da minha tia Jacinta e do perfume do pão assando na cinza quente? E das mãos curadoras da minha mãe e do meu pai? E da água da mamadeira transformando-se em neblina no centro do fogo ou brilhando nos pequenos recipientes do mate que animava a conversa?

4. Relembrando esses dias, pergunto a mim mesmo: aqui no sul há algo mais profundo que o silêncio depois da chuva? Há algo mais evocatório que o assobio do vento deslizando entre as cornijas de uma casa de madeira? A Casa Azul assobradada construída sobre essa colina abraçada pelo arvoredos e pela proximidade verde-azulada do bosque que ouço respirar. Qual é a sua palavra, o seu pensamento? Diz-me ao lado do silêncio da noite.

Não sei, não sei. Só posso dizer que tive o privilégio de nascer e crescer no diálogo constante entre a nossa tradição e a chamada “modernidade”. Vendo e ouvindo a partir da plenitude da natureza. Sou o caçula de cinco filhos (três homens e duas mulheres). Elicura significa pedra transparente; Chihuailaf, bruma pairando sobre um lago; Nahuelpán, tigre, puma.

Os meus pais se conheceram em Temuco nos anos 1930, participando da luta organizacional dos estudantes mapuches. Ambos, como todos os jovens mapuches daquela época, tinham saído para o exílio da cidade. Alguns eram excepcionalmente bilíngues, como a minha mãe (uma das esposas do meu avô materno era espanhola); outros, como o meu pai, não sabiam nada do castelhano e enfrentavam sofrimento inimaginável – a poucos quilômetros das suas comunidades – em outro país classista e excludente (para não dizer racista) como foi e continua sendo este país ainda chamado Chile.

5. À noite ouvíamos os cantos, os contos e as adivinhações na beira da fogueira, respirando o cheiro do pão assado por minha avó, minha mãe ou minha tia Maria, enquanto o meu pai e o meu avô – Lonko/Chefe da comunidade – observavam com atenção e respeito. Falo da memória da minha infância, e não de uma sociedade idílica. Lá, parece-me, aprendi o que era a poesia. As grandezas da vida cotidiana, mas, acima de tudo, os seus detalhes, a centelha do fogo, dos olhos, das mãos.
6. Falo dessa época em que ainda não existiam as florestas com os seus plantios de eucalipto e pínus nos arredores da nossa comunidade e nas comunidades limítrofes. O ano de 1970 se aproximava. As estações eram mais definidas e nítidas do que hoje. As tempestades elétricas caíam com

frequência, principalmente no verão. Era um verdadeiro espetáculo que, na sua dualidade, nos presenteava a natureza: relâmpagos que iluminavam o céu e as árvores; trovões que faziam as casas e os corações tremer; raios cujo serpentear chicoteava a quietude do ar quente ou a agitação da ventania desencadeada. Era a vida na sua expressão nativa. A vida.

7. As árvores sobre as quais caía algum raio costumavam arder por vários dias, pois quase sempre a descarga elétrica consumia suas raízes... Uma vez, debaixo de uma forte tempestade que durou meio dia, corri até o estuário para ajudar as minhas tias Maria e Jacinta, que haviam saído para buscar água fresca. Quando acabei de passar pelo primeiro trecho da baixada da colina, o bosque foi iluminado por um relâmpago; então veio o estrondo de um trovão sobre as nuvens, mais parecendo uma explosão seguida por um estalo – e depois por um ligeiro silêncio – sobre a copa de um enorme carvalho. Da sua folhagem assomou-se o raio desenhando seu zigue-zague perfeito ao longo do tronco robusto até desaparecer entre a pastagem existente em torno dele. Mortalmente ferido, o carvalho titubeou um instante. Como um homem muito alto e corpulento que tenta dar um último passo, começou a queixar-se, ranger, até cair em colapso, fazendo o chão tremer, irremediavelmente partido em dois. Ao começar a se partir, como grossas linhas de sangue, sua seiva brotou

de sua polpa rosada. Pareceu-me que aquele fluido era a vertente sobre a qual navegavam mesas, cadeiras, casas, cates, berços, caixões...

8. Fico emocionado com o som da chuva no telhado da casa, o seu brilho nas folhas das árvores. Os invernos, contudo, estão se tornando cada vez mais secos. No ano passado quase não choveu, e a neve foi mínima na área onde está a nossa comunidade. Crescem as plantações de eucalipto e de pínus que estão secando os rios subterrâneos. Plantações que, conseqüentemente, vêm diminuindo o volume dos estuários e danificando as nossas florestas porque cortam o ciclo das chuvas. As empresas florestais estão apagando as Palavras.

A música das palavras, gesto e som que nos presenteia a nossa Mapu Ñuke Mãe Terra, diz o nosso povo. Nas palavras respira o canto da água, do vento, dos pássaros, dos insetos, dos animais; o colorido e a dança das flores, dos pastos, dos fungos, dos arbustos, das árvores; seus aromas, suas formas, suas texturas que partilham – no silêncio e na contemplação – as pedras e as pessoas, dizem os nossos mais velhos.

9. No meio do vento que fazia ranger a nossa casa de madeira, comecei a ler especialmente a narrativa chilena e todas as revistas e os livros aos quais tive acesso. Textos que despertaram a minha curiosidade, a minha necessidade de me assomar a espaços desconhecidos.

Porque o mundo é como um jardim, disseram-nos e continuam nos dizendo. Cada cultura é uma flor delicada que precisa ser cuidada para não murchar, para não desaparecer, porque, se alguma chega a murchar ou a se perder... todos nós perdemos. Às vezes, elas podem nos parecer semelhantes, mas cada uma tem o seu perfume, a sua textura, a sua forma, a sua tonalidade particular. E, embora as flores azuis sejam as nossas favoritas, o que seria de um jardim enfeitado somente com elas? É a diversidade que confere o alegre colorido a um jardim (reencanta o mundo, e todas as culturas o enriquecem ou não existe reencantamento nem enriquecimento algum, dizia o nosso avô).

10. O nosso avô, que, parece-me, sempre manteve um equilíbrio natural entre a conversa, o silêncio e a contemplação, tinha a capacidade fundamental de escutar, mas também de perguntar. Qualidades que lhe deram destaque como Lonko e Weupife/Orador. Assim andou pelas comunidades do nosso território chamado Gulumapu/Araucanía, parte do nosso país Mapuche invadido pelo Estado do Chile, e também no Puelmapu/Terreno do Leste, invadido pelo Estado argentino. Arraigado e viajante, andou por muitas partes disseminando a sua Palavra.
11. Para dizer também a minha Palavra, abri um dia um caderno e comecei uma conversa comigo mesmo. Uma escrita que nunca teve sequer a menor

intenção de se transformar em livro. Nisso, parece-me, prevaleceu a minha experiência de ter conhecido os livros como algo alheio, da alteridade, como dizem hoje, pois os escritos que conheci na minha primeira infância, na minha comunidade, eram textos que não falavam do nosso mundo mapuche. E que – embora tenham me chamado atenção e me interessado profundamente – não expunham a diversidade dos nossos pensamentos e, por isso mesmo (percebi mais tarde), não eram de autores ou autoras mapuches. Como disse, os livros nos chegaram tal como chegaram os tratores, as bicicletas, as vitrolas. Essa impressão inicial prevaleceu em mim até hoje, apesar de já ter publicado 15 obras de minha autoria e eu continue a ser um leitor regular, embora sempre – e principalmente – leitor do grande livro da Natureza, do grande livro dos Sonhos.

12. A vida é espírito, energia que se dispersa e se extingue a doer no presente da vigília diária, mas a se reconstituir e se confortar no futuro e no passado que habita no infinito dos Pewma/Sonhos; naqueles premonitórios, os sonhados no instante fronteiriço que une o final da noite com o início do amanhecer. Por isso os Pewma são tão importantes para a nossa cultura e para todas as culturas nativas do mundo e também para as culturas ocidentais. Embora estas tenham se esquecido de se perguntar todas as manhãs: Sonhou? O que você sonhou?

13. Agora o meu espírito e o meu coração estão agitados porque sentem pena ao constatar a realidade de como o nosso caudal de palavras turvou; o seu colorido de jardim diverso; o seu movimento de lagarta imperceptível.

“Avança o incêndio dos bosques nativos”, contam as notícias. São milhares de hectares consumidos pelo fogo; milhares de animaizinhos e aves mortos ou deslocados; milhões de insetos extintos...

Na dualidade do mundo, o lado duro da face da realidade. A violência indescritível de uns poucos que estão mutilando a linguagem, a língua da Natureza: o nosso pensamento. Esta é, digo a mim mesmo, a precariedade verdadeira e mais nefasta: o esquecimento, a desmemória.

14. Esta época parece ter se esquecido de que todos os seres humanos – sem exceção – são provenientes de culturas nativas, de povos aborígenes, com sua bela brancura, negritude, amarelise e morenidade, e que, por isso mesmo, todos os idiomas foram aprendidos a partir do escutar a natureza, a Terra e o infinito. Por isso a fala começa com o lampejo das onomatopeias que tecem a oralidade muito antes da escrita.

É nesta época, agora, que temos de nos descolonizar e voltar à arte da conversa; é o que nos dizem as nossas Anciãs e os nossos Anciãos. No círculo do tempo, o nosso futuro é o passado pletórico de ar limpo, bosques, rios, pedras, pássaros,

peixes, insetos, animais, seres humanos e estrelas. Um passado e um presente que também se nutriram de todas as transformações assumidas por todos os organismos vivos, na sua qualidade, como tal, para se adaptar – respeitando as regras da Natureza – e fazer parte de uma grande comunidade que, em sincronia, continua respirando. Somente fios no grande tecido universal. **OBS**



### Elicura Chihuailaf Nahuelpán

Oralitor, poeta e ensaísta. Algumas obras: *En el País de la Memoria*; *De Sueños Azules y Contrastueños*; *Recado Confidencial a los Chilenos*; *La Vida Es una Nube Azul*; e *La Tierra Sueña en Azul*. Parte de seu trabalho foi traduzida para vários idiomas. Alguns prêmios: Melhores Obras Literárias, do Conselho Nacional do Livro e da Leitura (poesia e ensaio); Prêmio Municipal de Poesia de Santiago; e Prêmio Nacional de Poesia Jorge Teillier.



### Nota

- 1 Escrita ao lado da oralidade.